

I Encontro da Fundação Lucinda Atalaya

A educação está no palco!
A educação hoje: na família, na escola, na sociedade

Instalar os alunos sem futuro no presente do indicativo

Por Ana Margarida de Carvalho

Jornalista

«Presente». Toda a gente se lembra da chamadas na sala de aula. O professor chama pelo nome, o aluno tem de responder: «Presente». A primeira chamada da manhã era uma espécie de segundo despertar. Existo, logo estou «presente». O momento tinha alguma solenidade. Era uma primeira etapa, até ali todos estávamos no mesmo patamar, todos nós sabíamos a resposta certa. «Presente» Alguns aflautavam a voz, outros tentavam torná-la o mais neutral e anónima possível. Uns respondiam num fiozinho de voz, outros davam-lhe entoações humorísticas, a outros o nervosismo atacava as cordas vocais, havia risotas, chacotas, havia quem rejeitasse a réplica padronizada e ousasse a originalidade de um «sim» ou de um «'tou»...

Mais do que um sistema de controlo de faltas, aquilo assumia contornos de ritual de iniciação. Como se os professores, e já antes os professores dos professores, e antes os professores dos professores dos professores, quisessem assegurar um pacto ou um compromisso. «Eu, menino Joãozinho, asseguro-lhe, a si professor, que daqui em diante estarei 'presente' nesta lição de trigonometria, ou de álgebra, de algoritmos ou fotossínteses ou gramática, até à última conjunção coordenada adversativa». Como um «juro» numa parada militar, mas sem bandeiras nem braços emproados.

Ao corpo presente tinha de se juntar a atenção. A atenção presente. Como quem diz tomada, presa, capturada, enjaulada na sala de aula. E no entanto, quantos destes «presentes» são, na realidade «ausentes».

Quando penso em escola, sobretudo nos meus anos de escolaridade pública e massificada, ocorre-me, de imediato, «evasão». E todos os túneis imaginários, pontos de fuga, manobras de distração, maneiras de desertar da matéria, escapulir da carteira, esgueirar-se dos exercícios, debandar da prelecção... Ao mínimo pretexto abria-se logo ali no chão da aula uma toca de coelho, por onde se podia cair lentamente como a Alice das Maravilhas. Ou a mosca popular de O'Neill, «aferroada aos miúdos, avioneta escolar para fugir aos estudos».

Ainda tenho uma recordação muito corpórea do tédio, do arrastar lento dos ponteiros, de ansiar pelo toque de saída, de largar a correr pelos corredores, com as urgências de um presidiário. De encher os cadernos de garatujas, bonequinhos, espirais, imensas e labirínticas espirais, companheiros cúmplices destas evasões escolares.

«O melhor das aulas são os intervalos», disse-me uma vez um miúdo, quando eu já era adulta e jornalista. Como eu o compreendo. O melhor da vida também são os «intervalos».

E como diria Sérgio Godinho, por «pretextos talvez fúteis a alegria é o que nos torna os dias úteis»

Há um conto, hoje esquecido, que me acompanha desde a infância. Chama-se Maldita Matemática e é a história de Sémen Pantalikin, um menino de escola inventado pelo escritor russo oitocentista, Arkadi Averchenko. O miúdo gostava de dramatizar os acontecimentos por mais triviais que fossem. A qualquer contrariedade soltava a exclamação «Estou Perdido!», como faziam os heróis dos seus livros, sempre debaixo de um sortido de ameaças mortais. Porque nos livros, sempre que o protagonista trepava a uma árvore para escapar a uma tribo de índios em fúria, num dos ramos havia de estar um tigre pronto a saboreá-lo, noutra uma serpente venenosa e, ao mesmo tempo, um raio acabava de incinerar o tronco – o sangue gelava-lhe nas veias e o herói exclamava: «Estou perdido!»

«Estou perdido!» exclamou Sémen Pantalikin, quando o professor de matemática concedeu 20 minutos para a resolução de um problema enfadonho, desses em que se tem de calcular o tempo da distância percorrida entre o lavrador A e o lavrador B e o povoado 1 e o povoado 2. O miúdo consumiu logo três dos 20 minutos a afiar o lápis, mais dois a alisar a folha... Depois, a perplexidade assaltou-o: porque não haviam de ter nome os lavradores? Porque não baptizá-los com nomes aventureiros como Guilherme e Rodolfo? E pensou que os povoados se podiam converter em cidades australianas e exóticas. E daí a nada já tínhamos um Guilherme de tez curtida pelo sol, montado no seu mustang, e um Rudolfo de jaqueta de pele de lontra, a fazerem-se à estrada cheia de bambus australianos, perigosos bandos de guerrilheiros e balas perdidas que cruzavam as veredas... Até que a voz do professor interrompeu bruscamente a narrativa, que já se saldava numa baixa e na «gargalhada diabólica» de Guilherme...: «Já acabaram, meus senhores?». Sémen Pantalikin exclamou: «Estou perdido!»

Enfim, onde uns vêem jibóias que engoliram elefantes, outros continuarão a ver chapéus. Como não sou pedagoga, nem professora, nem estudiosa destes assuntos da escola e da educação – sou apenas ex-aluna, mãe de dois alunos adolescentes – reservo-me o direito de poder divagar e, quem sabe de dizer algumas enormidades. É um privilégio, suponho. Mas às vezes ponho-me a imaginar uma escola do futuro, uma utopia, daqui a duas ou três gerações, uma escola sem muros nem ameias, onde, e perdoem-me a heresia, ficavam suspensos as matérias lectivas, durante a adolescência. Depois da instrução básica, aí entre os 12 e os 17 anos, fazia-se um intervalo escolar. Como uma espécie de férias mesmo muito grandes, em que os alunos se dedicavam a tempo inteiro a projectos, a usufruir da cultura, a conviver, a experimentar, a frequentar cinemas, teatros, a fazer acampamentos, a socializar, viajar, a visitar museus, a aprender a pensar e a fazer escolhas... guiados, claro está, por uma nova profissão de professores/animadores/socializadores/ensinadores/instrutores.... Depois, retomavam a escolaridade, no ponto em que tinham ficado, ou talvez, quem sabe, um pouco mais à frente... O sistema tinha algumas vantagens: criavam-se novos postos de trabalho, adiava-se o drama da entrada no mundo do desemprego (afinal, qual é a pressa?), e talvez se formassem jovens mais felizes e mais conscientes das suas escolhas. É que,

se se pensar bem, há alguma dose de crueldade em manter estes seres sôfregos de descobertas, enclausurados nas salas de aula. Enquanto lá fora, há um mundo inteiro (Incluído o virtual) para desenterrar, que ainda por cima, chama por eles, acena-lhes, esbraceja, gesticula, com a insistência hipnótica de um anúncio de néon...

Talvez assim se conseguisse instalar os alunos sem futuro no presente do indicativo. Olhando para trás, para o meu passado escolar, nesta fase massificada e pública do ensino, pareceu-me que foi uma sucessão de Não Respire/ Pode respirar, como nos ordenam nos gabinetes de radiografia. Não respire: «teste surpresa». Pode respirar: «o veredicto em forma de nota lançado para cima da carteira». Não respire: «conta para a nota» Pode respirar: «não conta para a nota».

São dores de dentes. As coisas mudaram, mas custa ver tantos pretéritos imperfeitos a transitarem para o presente, e a deslizarem como margarina na frigideira para o futuro do conjuntivo. Ou será o futuro da conjuntura?

Parece que o quadro negro da minha geração ainda não foi apagado por aquela velha esponja molhada. Dou por mim, a ouvir através dos meus filhos, as mesmas expressões, as mesmas frases que, às vezes, podem destruir a auto-estima dos alunos das franjas do sistema. Como uma maldição, ou um círculo que nunca se quebra, ou um eterno zumbido em off da colmeia pedagógica. Outra vez, o Não respire/ Pode respirar. As mesmas expressões não respiráveis e sufocantes, repetidas nas reuniões de turma ou nas cadernetas escolar: «Não tem pernas para andar»; «Assim não vai a lado nenhum»; «Não fez os trabalhos de casa»; «Esqueceu-se do material escolar»; «Só não se esquece da cabeça em casa porque a tem presa ao corpo»; «Não estive com atenção na aula»...

Lembro-me de uma vez uma colega da escola dizer candidamente à professora que não tinha feito o trabalho de casa «porque não estava com disposição». «Não estava com disposição!?!». Ó inclemência, ó martírio, escândalo nacional, a escola tremeu nesse dia à razão de 9.9 na escala de Richter. A verdade, toda a verdade, não mais do que a verdade, atirada assim à cara da professora, soou como uma estocada fina e certa e arrogante de um florete. Exigia-se uma mentira mais ou menos articulada, um febre repentina durante o fim de semana, um irmão que rasgou a folha do caderno onde constavam os deveres, um caderno misteriosamente desaparecido, uma doença, um cataclismo, enfim: uma mentira. Quantas vezes, eu própria que vim da geração do pós-25 de Abril, a quem nos ensinaram toda a vida que não devemos ter medo de dizer o que pensamos, que devemos pôr a verdade acima de tudo, e aclamar o estatuto intocável da liberdade de expressão... quantas vezes dei por mim, a dizer ao meu filho, de uma forma mais diplomática, ó filho mente... Não digas o que te vai na cabeça, não confesses que a aula te aborreceu imenso, não digas que não gostaste da lição, não confesses nada. Mas também há coisas boas, que permanecem retidas nos nossos filtros das memórias de infância.

Mas essas são como a história do rei que tinha tudo e podia tudo. E que, por isso, estava farto. Mergulhado em tal enfado, dava-lhe para as crises de nostalgia. Um dia, a memória trouxe-lhe o sabor das tartes de framboesas silvestres que comia em criança. Mandou vir o melhor cozinheiro do reino. Queria – na realidade ele disse «quero» – provar outra vez o

gosto de antigamente. Decretou que o cozinheiro confeccionasse uma tarte escrupulosamente cumpridora da receita da sua infância. Queria – «quero» – que lhe soubesse ao mesmo. Se não? cortava-lhe a cabeça. O cozinheiro respondeu que então melhor seria ir já chamando o carrasco. Por mais que ele fosse fiel à prescrição original, nenhuma tarte de framboesas silvestres lhe resgataria os mesmo sabores da infância. Consta que o rei o despediu. Sumariamente.

Ninguém se pode banhar duas vezes nas mesmas águas do mesmo rio. Não tanto porque Heraclito assim o tenha proclamado. Mas porque estão poluídos os rios da nossa infância.

Quando um raio de sol nos corta os cortinados, lembramo-nos de como aquele foco de luz nos revelava um universo de poeiras brilhantes e partículas voadoras, que se moviam em várias direcções? Qualquer coisa de misterioso, de extra-terrestres devia haver naquele mundo oculto, que aparecia e desaparecia, sob os caprichos das sombras. Ou das nuvens. Os miúdos de hoje podem até não ter tempo para contemplar partículas e ácaros voadores. Mas sabem que, há meses, depois de 7 anos e 4600 milhões de quilómetros, uma cápsula espacial aterrou no deserto do Utah com um colher de café de poeiras recolhidas da cauda de um cometa. E que ficaram presas numa matéria quase etérea, o aerogel, chamada fumo azul.

Os miúdos de hoje podem não saber o que é um polícia sinaleiro. Mas todos sabem o que é um arrumador.

Os miúdos de hoje podem não saber o que é uma mercearia. Mas todos sabem o que é um hipermercado.

Hoje já quase não dizem carregar no botão no elevador mas clicar no botão do elevador, chamam leitor de vinis ao gira-discos.

E questionam-nos, com olhos de assombro: como foi possível sobrevivermos a uma infância sem playstation2 nem PSP, sem game boy advanced ou o game boy SP, sem DVDs, sem GoogleEarth, sem Runescape, jogo interplanetário na internet que põe em rede miúdos de todo o mundo, sem 60 canais por Cabo, sem telemóveis tipo canivete suíço, (que servem para tudo, para além de telefonar), sem MP3s, sem ATLS no fim das aulas? E, por puro marketing materno, nem vale a pena confessar-lhes que andávamos de bicicleta sem capacete nem cotoveleiras, que quando estávamos constipados, as nossas avós resolviam o assunto com Vick Vaporuc e uns tubos que se enfiavam no nariz e cheiravam a eucalipto (e outros bálsamos que hoje arrepiam os alergologistas), que andávamos no banco da frente dos carros, e soltos lá atrás, sem cinto, nem cadeirinha especial.

Mas enfim, lá se foi vivendo. Sem memórias. Só com futuro pela frente.